Valores aprendidos com os mais jovens



Há dois anos, Olívia não gasta o dinheiro que economiza em seu cofrinho. Joana fatura com o empreendimento de amigurumis que iniciou na pandemia

Arquivo pessoal

Para a servidora pública Sheila Messerschmitt, 45 anos, as crianças e jovens desta geração são mais responsáveis com relação ao consumo, dado que, desde cedo, ouvem falar sobre degradação ambiental e a importância de levar uma vida sustentável, algo que transforma, de forma muito positiva, a relação dos mais velhos com o dinheiro.

É assim com suas filhas Joana, de 15 anos, e Olívia, de 9, que, dificilmente, pedem algo que não precisam. A mãe recorda-se de certa vez, ao passearem em um shopping, entrar em uma loja de roupas infantis com peças em liquidação e receber das meninas a resposta de que não gostariam de levar nada, afinal, já tinham roupas suficientes em seus armários. "Só posso ficar feliz com esse tipo de comentário. Elas me ensinam muito", conta.

Essa responsabilidade parte mais da maneira como as crianças veem os pais se relacionarem com os gastos e o consumo do que de uma decisão consciente em abordar o assunto. "Aqui em casa, não se diz 'sim' para tudo. Explicamos que, por vezes, não temos recursos para comprar e, assim, estabelecemos um limite, mostrando ser necessário trabalhar e economizar. Chega a ser engraçado quando eles entendem que o dinheiro que saiu do caixa eletrônico não vem do nada para a nossa mão", explica.

E, para Sheila, nem sempre foi fácil lidar com as finanças. Antes, muito consumista, aprendeu pouco a pouco com o marido, já bastante econômico, a poupar, a fim de ter segurança financeira e planejar gastos maiores para o futuro. Deu certo. Seu último carro foi pago à vista; o apartamento que moram, também.

Com isso, as meninas assimilam que é possível comprar de forma sustentável. "Por que não adquirir uniformes usados, ir a um brechó quando se precisa de algo, ou mesmo a um site de desapegos?" são alguns questionamentos direcionados às filhas. Os resultados? No momento, a família está economizando para viajar para o exterior e, por isso, criaram o pote da "viagem dos sonhos", alimentado gradativamente com dinheiro e boas expectativas.

Espírito empreendedor

Sobre o processo de aprendizagem de Olívia, Sheila pontua novamente a relevância do convívio, desta vez, com a irmã mais velha, Joana, que desde cedo tinha um espírito empreendedor. Aos oito anos, por exemplo, pediu à diretora da escola para vender brigadeiros no recreio. Com a negativa, colocou uma placa escrita "Brigadeiros da Jô" do lado de fora e vendeu tudo.

Depois, durante a pandemia, a adolescente aprendeu a fazer crochê e abriu uma loja de amigurumis no Instagram. Sozinha, calculando os preços de linhas e o custo final, teve sucesso em sua iniciativa. No mesmo caminho, a caçula, até então expectadora, pediu um kit de miçangas aos pais; fez pulseiras e vendeu no colégio para as colegas.

"A internet ensina muita coisa boa, às vezes! Não sei se rendeu algo, mas aprendeu que para ter dinheiro é preciso trabalhar — na minha opinião, o primeiro ensinamento para travar uma relação saudável com as finanças", destaca Sheila. Ademais, para ela, qualquer brincadeira que traga essa dinâmica para o universo infantil é válida, desde brincar de lojinha, com caixa registradora, até o conhecido Monopoly, para entender que é preciso investir para fazer o bolo crescer.

A servidora pública chama a atenção, ainda, para as atuais formas de pressão de consumo, nas quais as crianças ficam expostas a vídeos em que influenciadores abrem pacotes de brinquedos e demais produtos infantis — o famoso unboxing. "Isso pode ser negativo no processo de educação financeira. Acredito, porém, que havendo o exemplo em casa, elas tendem a se conscientizar de forma mais natural sobre o assunto", conclui.